

RUMO AO NOVO MILÊNIO

Os números catalizam. Não fazem a realidade. Não têm força mágica, mas despertam, movem, reforçam desejos, sonhos, aspirações, necessidades que dormem nos indivíduos e nas coletividades. Por isso, quais marcos miliares sinalizam caminhos percorridos, recordam o passado, definem o presente, apontam para novas metas futuras.

Aproximamo-nos do ano 2.000. Na frieza aritmética seria um ano a mais nessa história da humanidade que já carrega mais de um milhão e meio de anos de hominização, por sua vez inserida num processo evolutivo que remonta a um Big Bang acontecido entre 15 a 20 bilhões de anos atrás. Nesse quadro gigantesco de história do cosmos e da humanidade, o número 2.000 perde toda magia.

No entanto, a nossa história humana alcançou, com a presença de Jesus Cristo, a visibilidade da plenitude histórica, mesmo que "por Ele e para Ele tudo tenha sido criado" (Cl 1,16). E voltando-nos para sua pessoa, nós, cristãos, nos alegramos com dois mil anos de memória viva de sua existência entre nós.

O Ocidente foi bem ou mal evangelizado. O nome de Jesus é conhecido e amado por muitos, indiferente para tantos e talvez até rejeitado explicitamente por outros. Entretanto, é um NOME, que se esconde por detrás de cada documento, de cada evento datado, pois todas as datas se referem a seu nascimento. Não importa que o monge medieval tenha cochilado e errado os cálculos e hoje, de fato, já ultrapassamos o ano 2.000 do nascimento de Cristo. Por isso, não é relevante a materialidade do número, mas o sentido do

reconhecimento de que o nascimento de Jesus dividiu a história humana, marcou-a definitivamente.

Toda cultura, todo desejo, todo sonho humanos vêm carregados da profunda ambigüidade que nos atravessa. Desta sorte, o fascínio, que a celebração do ano 2.000 provoca, deve acender nossas luzes críticas para discernirmos a gama de projeções e interesses aí envolvidos.

Em vivendo numa sociedade e sistema econômico, centrados no mercado, que, por sua vez, se alimenta da propaganda, dos mais sofisticados jogos subliminares de marketing, uma primeira atenção deve ser para não nos deixar seduzir por esse gigantesco arsenal mercadológico. As vestes podem ser até piedosas. A pele pode ser de carneiro, mas o animal é a raposa esperta do dinheiro. Pois, ele consegue colocar a seu serviço "deuses e demônios". Já estão a preparar com o luxo das altas esferas sociais o "réveillon" do ano 2000 naquele lugar do mundo em que, por primeiro, soará a badalada do terceiro milênio. Imaginem como será o exibicionismo de riqueza e ostentação!

A Igreja Católica está envolvida, por desejo do Papa, expresso na Carta Apostólica Tertio Millenio Adveniente, num projeto evangelizador de fôlego, que deve cobrir os próximos anos. A modernidade crítica e a leitura despreziosa do Evangelho ensinaram-nos a desconfiar das magnitudes sonhadas pelos homens. Aliás, já no Antigo Testamento vemos a parábola estórica da pretensão humana de construir a Torre de Babel (Gên 11) que atingisse o céu. E lá se perderam na confusão das línguas.

Jesus foi também tentado pela sedução da visão, do alto de uma montanha, de possuir todos os reinos do mundo e seu esplendor, desde que renunciasse o caminho da kénosis (Mt 4, 8). Não está escrito que essa tentação vencida por Cristo, não no grito contra satanás, mas no cotidiano de uma vida pequena e humilde, não assalte a nossa Igreja e nos engane. Numa palavra, não é a grandiosidade do projeto que traduz sadia e evangelicamente o sentido cristão. Tudo vai depender do espírito que o presidirá nas suas concretizações.

Com efeito, ao longo da história da Igreja nunca se calou totalmente o sonho milenarista. Como verdadeiro paradigma apocalíptico (H. Küng, Christianity: The Religious Situation of Our Time. London, SCM Press Ltd, 1995), ele errou por todos os continentes, tendo encontrado no monge calabrés Joaquim de Fiore (+1202) uma densidade única. A sua herança continua (H. de Lubac), não só em veios seculares, mas também sob forma religiosa, ora exaltada, ora moderada. Não faltam, em certas visões e aparições recentes, atribuídas à Virgem Maria, traços bem milenaristas.

Parece que não escaparia de um certo milenarismo espiritual o fato de colocar-nos para o ano 2.000 certos objetivos numéricos de conversão, de reunificações eclesiais, atropelando a paciência da história, a realidade de nossos pecados, o tempo das conversões e o respeito da graça. Os términos do

caminho divino não podem ser colocados unilateralmente por nós. Assim como nem Ele os coloca sem nossa liberdade, assim também não podemos fazê-lo, desrespeitando o elementar dado da história da salvação do jogo das liberdades humanas e divina. A confiança prometeica, portanto, em grandes projetos bem elaborados, não se isenta do risco pelagiano que visita frequentemente meios religiosos zelosos e impacientes diante dos misteriosos silêncios divinos e da também misteriosa liberdade humana.

Há, sim, espaço no caminho em direção ao Terceiro Milênio para uma pergunta séria sobre a maneira como estamos respondendo na evangelização aos novos desafios da realidade. Ocasão privilegiada para uma Grande Avaliação da caminhada histórica do Cristianismo. Sem, talvez, perder-nos nos pormenores desses dois mil anos de história, cabe tirar algumas lições. Assim como J. Delumeau (De Luther à Voltaire), depois de traçar a epopéia do Cristianismo nos séculos da Reforma e Contra-reforma, conclui constatando o equívoco fundamental de pensar uma evangelização pela força, pelo poder despótico, da mesma maneira, J. I. González Faus (La autoridad de la verdad. Momentos oscuros del Magisterio eclesiástico, Barcelona, Herder/Facultat de Teologia de Catalunya, 1996) alerta para incidências mais numerosas e mais graves de equívocos do magistério ordinário nos momentos em que ele se aliou mais intimamente ao poder político ou se arvorou em poder espiritual absoluto, sem a humilde ausculta do Povo de Deus.

O olhar para o passado é de aprendizado. Há duas leituras extremas da história do Cristianismo, que não nos ajudariam. Uma leitura catastrófica em que se colecionassem os grandes pecados das Igrejas cristãs. Terminaríamos todos abatidos, desanimados, céticos da força salvadora de Cristo. Onde estaria a graça vitoriosa de Cristo Ressuscitado? Não passaria de um mito. Aí cerram fileira muitos adversários que nos lançam em rosto a Inquisição com suas torturas e fogueiras, as Cruzadas com seus morticínios, os genocídios dos índios, a escravidão e tráfico dos negros, as guerras de religião, a intransigência ortodoxa com a verdade excluindo os fracos, etc. Só este quadro não nos ajudaria em nada, a não ser que repetíssemos, em nível de história da Igreja, a experiência de Inácio de Loyola na meditação dos próprios pecados. Diante dessa mole de miséria, não fixaríamos os olhos nela, mas no Cristo crucificado que nos pergunta: Que fizemos, que fazemos, que faremos pela evangelização?

Evidentemente poder-se-ia fazer outra leitura extrema. Também verdadeira na memória dos fatos, mas enganosa na sua amnésia dos erros. A apologética clássica construiu toda uma prova da veracidade da Igreja católica a partir das notas. Uma delas é a santidade. E páginas e páginas foram escritas e poderão ser escritas até hoje, recuperando as maravilhas da graça no coração de cristãos. Alguns nomes hoje merecem ser citados pela sua grandeza espiritual como D. Oscar Romero, Tereza de Calcutá, D. Helder, e infinitas pessoas anônimas que, em fidelidade infrangível, dedicam toda sua vida, nos

lugares mais difíceis, às missões, aos doentes nos hospitais, aos empastados, ao acompanhamento dos idosos, etc.

As duas leituras são necessárias para a verdade da história, para fazer justiça à graça de Deus, para a nossa conversão e esperança. A história passada precisa ser, como dizia Cícero, uma "mestra da vida", pedindo-nos o reconhecimento dos erros, a reafirmação dos acertos e o planejamento do que falta. João Paulo II já fez pequena triagem da face escura do passado na sua Carta Apostólica ao insistir nas nossas falhas que "prejudicaram a unidade querida por Deus para o seu Povo", tais como os "métodos de intolerância ou até mesmo de violência no serviço à verdade" (Tertio Millenio Adveniente).

Numa leitura teológica da história, à luz do mistério da Encarnação e da Páscoa, não podemos, de modo nenhum, ficar presos aos erros passados. As duas palavras fundamentais do anúncio da chegada do Reino são: "Convertetivos e crede no evangelho" (Mc 1, 15). Conversão, sim. Mudança, sim. Rejeição dos erros passados, sim. Mas também "crede no Evangelho". O Evangelho não é um livro. Nem somente o Jesus da história. É o mistério pascal, o mistério da Trindade. E esse mistério nos aproxima e distancia, como todo mistério. Aproxima-nos da presença atuante da Trindade na história humana. Essa fidelidade de presença foi-nos prometida. Cabe-nos discerni-la. A distância sempre permanecerá, porque caminhamos assintoticamente para a comunhão com essa Trindade.

Para a Revelação cristã, a história humana nunca poderá viver só do passado, como pensam os tradicionalistas, nem só do futuro, como agem os utopistas. Ela já tem presente a densidade da ação salvadora de Deus, porque Aquele que revelou, em grau máximo, a Deus, sendo o próprio Filho, se vinculou definitivamente com o presente pelo mistério da Encarnação e Ressurreição. A seriedade incontornável do presente salva o cristão da pura saudade como do mero sonho. Faz dele um realista comprometido com a história. No entanto, não se entende presentista como os defensores do "carpe diem", porque seu presente carrega as sementes de responsabilidade eterna. É esta teologia da história que nos defende diante da magia do fim de milênio, porque a importância radical da história não acontecerá lá. Já é hoje. Nem também se esquece de valorizar o ontem e o amanhã desde que eles sejam chaves hermenêuticas de captar a presença vitoriosa do Amor salvador de Deus nos eventos que nos cercam, nos acompanham. Vivendo no espelho e em parte, não deixamos de viver a mesma realidade que um dia se revelará face a face e em plenitude.

Este dado tão central de nossa fé defronta-se com o real desafio de nossa evangelização. Em que sinais a Trindade se faz presente? Que sinais exprimem, pelo contrário, sua ausência e estão a pedir nossa conversão, como cultura, como Cristianismo, como Igreja Católica? Pensar a preparação do próximo milênio a partir do núcleo dessas duas perguntas pode ajudar-nos a

escapar de muitos engodos, quer triunfalistas milenaristas, quer derrotistas céticos.

Na análise de conjuntura da Igreja na Assembléia da CNBB de 1996, C. James alertava para o dinamismo da racionalidade mágico-modernizante que ultrapassa de muito o famigerado problema das "seitas" [PT 28 (1996) 157-182]. Essa curteza de visão, que vê nas "seitas" o grande desafio pastoral, já manifesta o desenfoque desajeitado no próprio uso do termo "seitas". Além disso, reflete uma percepção acanhada do desafio dessa pós-modernidade triunfante. Há, em todos os níveis sociais, uma busca do sagrado que implica, em larga dimensão, uma demissão diante da responsabilidade social e histórica, na espera passiva de intervenções de poderes e forças místicos. Sem clareza de percepção, os empreendimentos evangelizadores, deflagrados pela Igreja Católica rumo ao novo milênio, podem reforçar esse mesmo veio religioso em vez de ser uma presença crítica e lúcida.

Mais. O campo religioso cristão católico, até então absolutamente hegemônico, condiz, agora com outras formas religiosas ou seculares bem diversas e múltiplas, o mesmo espaço de presença silenciosa evangelizadora numa sociedade cada vez mais moderna e pluralista. Não só o Cristianismo anuncia e pratica a justiça, assiste os deserdados da história, pensa as feridas físicas e espirituais das pessoas. Inventam-se e reinventam-se formas novas sérias de orientação espiritual pessoal, de acompanhamento orientado em experiências religiosas de profundidade, multiplicam-se ao infinito pequenas iniciativas, na Igreja e fora dela, de solidariedade e amor. Nada disso aparece, porém, com o esplendor desejado por criadores de projetos maiores, mas aí, sem dúvida, se jogam decisões importantes para o Cristianismo e para a sociedade.

Olhando mais profundamente para a sociedade sofremos reptos ainda maiores. A humanidade vive o paradoxo da rapidez esfuziante das transformações e o cansaço inerte da geração nova buscando segurança e estabilidade. O Primeiro Ministro alemão, em discurso programático na Convenção de seu Partido, percebia com clareza o impasse para onde se caminha. A saída para o desemprego não virá das grandes e sólidas empresas, que antes tendem a aumentá-lo. Só poderá ser superado por uma nova geração criativa de pequenos e médios empresários. No entanto, constata-se o fato de que a juventude busca de preferência um lugar seguro ao sol e se afasta do risco. Preferem os caminhos seguros da burocracia. E, por sua vez, esses caminhos tornam-se incertos e precários num processo de restrição dos aparelhos burocráticos.

Com os olhos da fé, que lê a história, ousar-se-ia dizer, nas pegadas do grande e pranteado teólogo uruguaio, J. L. Segundo (Massa e minoria), que a busca da segurança na sociedade e na Igreja é o "pecado do mundo" no sentido paulino e também joaneico. O mundo atual quer "sombra e água fresca", sem risco, sem utopias, encontrando a segurança no consumo cada vez maior e mais variado. O Cristianismo fala, porém, de coragem, de audácia, de criatividade, de liberdade, de esperança, de empenho, de compromisso.

Travar-se-á, sem dúvida, um choque cultural, necessário e benéfico, entre a placidez paquidérmica da ideologia da satisfação presente e a proposta cristã da esperança, açuladora de utopias.

As utopias causam-nos medo. E não sem razão. Foram açambarcadas por alguns grupos ortodoxos até as raias do fanatismo ou do totalitarismo intransigente. Mas, no fundo, elas se perverteram e deixaram de ser utopias para converterem-se em ideologia da pior qualidade. A proposta cristã é outra. É de esperança. Esperança é mais que utopia. Alimenta utopias, mas mostra-lhe o risco de se tornar absoluta. A esperança aponta para a Transcendência que corrige as pretensões absolutistas humanas.

Tão ruim que a utopia pervertida é sua morte. E a sociedade capitalista avançada, rica e superabundante em propostas e possibilidade de realização para algumas camadas, paralisa no consumismo e na fruição sem limite qualquer sonho de uma transformação na linha social, do mais pobre, do excluído e marginalizado. É o "fim da história" (F. Fukuyama, O fim da história e o último homem, Rio, Rocco, 1992). E o Cristianismo é chamado nesse final de milênio a reencontrar, em sua mais pura e maravilhosa tradição, a coragem de engendrar utopias, que signifiquem não a pretensão prometeica de dominar a história, mas de fazer-se pequeno ao lado do menor. Por isso, sua chance cresce à medida que as vozes sociais se calarem na acomodação e ele continuar a ser uma voz profética. Sem orgulho, mas com clareza e ousadia sente-se vocacionado a prosseguir nessa missão. E toca-lhe então encontrar seus parceiros. Existem muitos. Falta descobri-los e associar-se a eles.

Na lucidez diante do surto religioso poliédrico e na solidariedade com todas as forças existentes na defesa da vida, da humanidade, poderemos atravessar com esperança as fronteiras do novo milênio, sem esperar nenhuma intervenção milagrosa ou milenarista. É a graça fecundando, fermentando a história. Ela está grávida de Cristo. E Cristo pode nascer mais uma vez! Dois mil anos depois que nasceu em Belém!